

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

DAIANE PEREIRA DA SILVA

POETIZANDO EXPERIÊNCIAS HUMANAS: A VIDA E A MORTE NA ARTE

CRICIÚMA

2014

DAIANE PEREIRA DA SILVA

POETIZANDO EXPERIÊNCIAS HUMANAS: A VIDA E A MORTE NA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. Ma. Edite Volpato Fernandes

CRICIÚMA

2014

DAIANE PEREIRA DA SILVA

POETIZANDO EXPERIÊNCIAS HUMANAS: A VIDA E A MORTE NA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 25 de junho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Edite Volpato Fernandes - Mestra - (UNESC) - Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus - Especialista – (UNESC)

Prof. Izabel Marcílio Duarte - Especialista - (UNESC)

Dedico esta pesquisa a minha família que esteve presente em cada caminhar e tecer de minha vida, me dando forças para não desistir.

AGRADECIMENTOS

Primeiro devo agradecer a Deus que sempre me guia, agradeço a todos aqueles que contribuíram de forma direta e indireta para construção desta pesquisa.

Agradeço de forma especial a minha orientadora professora Edite Volpato, por ter aceitado este desafio; à minha família, pela paciência e compreensão principalmente nestes últimos dias; aos meus amigos e em especial a Geresa; as minhas filhas Alanis e Taila por aguentarem uma mãe acadêmica; filhas, tudo isso é para vocês!

E agradeço todos os dias pelo companheiro, meu marido que caminha junto comigo todos os dias, Jeferson, obrigada!

“Ao contemplar uma obra de arte, consigo ver, através da camada de entulho, o chão limpo de minha alma”.

Anselm Grüm

RESUMO

Esta pesquisa consiste na reflexão acerca do tema sobre vida e morte na arte contemporânea, buscando abordar o problema de relatar experiências que envolvem a passagem vida/morte/vida para assim poetizar no sentido de alimentar uma produção artística contemporânea. Entrevistas foram realizadas através de questionários com o objetivo de buscar, nos relatos das pessoas, elementos para uma produção artística contemporânea que envolva experiências de quase morte. O embasamento teórico envolve relações entre a vida, a morte, o corpo e a arte, onde autores como Archer (2001), Canton (2009), Cocchiarale (2006), Grüm, Müller, Kandinsky (1996), Meira (2003), Melin (2008), Ostrower (2003), Santaella (2004), Weil (1995), entre outros, darão embasamento para esta pesquisa. Com os objetivos de buscar nos relatos das pessoas entrevistadas elementos das experiências vividas para a produção em questão, pude incluir essa passagem que elas afirmam ter vivenciado, compreendendo também as concepções da experiência humana. Desta forma, tento estabelecer nesta pesquisa uma trajetória que foi percorrida até aqui, trazendo uma produção final, a poética das vivências e experiências humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Vida e Morte. Arte Contemporânea. Produção Artística. Corpo e Alma.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O Homem Vitruviano.....	16
Figura 2 - O funeral de Casagemas.	19
Figura 3 - Mãe Morta e a Criança.....	19
Figura 4 - Abraço por Luiz Zerbini.	21
Figura 5 - Inferno. Anônimo.....	23
Figura 6 - Joseph Beuys. Como explicar pintura a uma lebre morta, 1965.....	27
Figura 7 - A impossibilidade física da morte na mente de alguém vivo.....	32
Figura 8 - Estudo para obra.....	33
Figura 9 - Estudo para obra.....	33
Figura 10 - Proposta para obra.	34
Figura 11 - Proposta para obra.	34
Figura 12 - O tramar da vida..	37
Figura 13 - O tramar da vida.	37
Figura 14 - Obra na Exposição dos trabalhos de conclusão de Artes Visuais – 23/06/2014.	38

SUMÁRIO

1 A MINHA EXPERIÊNCIA	9
1.1 AS TRAMAS DA PESQUISA	11
1.2 OS FIOS DA METODOLOGIA	13
2 TECENDO SOBRE O CORPO	15
2.1 COSTURAS E URDIDURAS ACERCA DA MORTE	18
2.2 VIDA/MORTE/VIDA.....	22
2.3 O CORPO NA ARTE CONTEMPORÂNEA	25
3 PESQUISANDO E ENTREMEANDO OS FIOS DE OUTRAS EXPERIÊNCIAS ...	28
3.1 A ARTE CONTEMPORÂNEA E MEUS ESTUDOS	31
3.2 OBRA – UM TRAMAR DA VIDA	34
4 CONSIDERAÇÕES	38
REFERÊNCIAS	40
REFERÊNCIAS DIGITAIS	41
APÊNDICES	42
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS.....	43
APÊNDICE B – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE.....	44

1 A MINHA EXPERIÊNCIA

O que é a vida? O que é a morte?

Perguntas que marcam os seres humanos e sobre as quais frequentemente os povos tentam achar uma explicação.

Começamos a inserção da temática de pesquisa da seguinte forma: vida/morte/vida, experiência de um corpo, do meu corpo.

No momento em que cheguei a um posto de saúde para consultar no ano de 2006 e ao receber alguma medicação, não imaginava o que haveria de acontecer no momento seguinte.

Posso afirmar que é determinada experiência que você não pensa, ou tenta não pensar a respeito, até que finalmente aconteça.

Não entendemos tais coisas até vivenciar e geralmente temos muito medo da palavra Morte.

A morte é o oposto do que todos querem, ou seja, a Vida!

Em geral, todos nos deparamos em algum momento com este fato da vida, mas não passa pela nossa mente que pode vir acontecer conosco, aliás, tentamos nem pensar, pois se tem algo que angustia e traz pavor para a maioria das pessoas, é não saber como, onde, quando e como a morte pode acontecer.

A experiência vivida de quase morte, os relatos de algumas pessoas sobre a passagem vida/morte/vida acredito serem uma pista sobre algo maior, que nós seres humanos não compreendemos completamente.

Lembro que em instantes eu estava lá, deitada, esperando a medicação e conseguia ver meu marido pelas frestas da porta, quando recebi a injeção. O efeito aconteceu em segundos, quando me debati, e já não conseguia enxergar mais nada, então senti que não estava mais em mim.

De repente senti uma paz e filmes da minha vida foram passando como flashes; era bom e não queria mais sair dali.

Foram segundos que pareceram horas; parecia uma eternidade.

Foi quando percebi uma luz muito forte que me cegava e era irresistível, mas faltava algo: senti que não podia deixar para trás minha filha e meu marido.

Tudo foi ficando muito forte, o meu coração parecia um tambor, trazendo sensações de medo; pavores foram tomando conta do meu ser, me assombravam.

Quando acordei não sabia onde estava, não conseguia me orientar, chorava, foi quando vi um rosto conhecido. Era meu marido, que por sua feição estava mais apavorado do que eu.

Agora me proponho a poetizar falas, gestos, imagens, semelhanças (ou não) na pesquisa realizada, e sei que será mais um desafio a ser explorado e experienciado.

Fica latente a reflexão: diante de tal acontecimento temos força para experimentá-la, contorná-la e sair ilesos? O que acontece deixa marcas?

De tudo temos uma única certeza, assim como a Vida faz parte de nós, a Morte também se faz presente!

Então, numa tentativa de perceber poeticamente que aconteceu, escrevi:

VIDA/MORTE/VIDA

Um respirar mais profundo,

Sem sentir voltar.

Um não sentir o seu corpo...

É a vida se esvaindo, caindo, indo!

Uma vida em um filme,

Como em uma novela, flashes são lançados...

Um não saber onde está

E nem onde se encaixar!

Será um mundo diferente, outra dimensão?

Um medo inebriante?

Uma vontade de ficar.

Não quero voltar, irresistível é não querer ficar.

E como querer voltar se aqui encontrei a paz?

Luz irresistível! É quase um cegar, mais que reconfortante é aqui estar?!

Já passou de um estado

Não sou mais corpo e nem matéria, não sou mais eu...

Mais quem sou eu?

Sou transformação, sou sossego, sou paz e também sou medo...

É tenho que voltar!

Autora: Daiane Pereira da Silva

1.1 AS TRAMAS DA PESQUISA

Quando busquei o tema para a pesquisa a ser realizada como trabalho de conclusão de curso, descobri que determinadas questões sobre a vida e sobre a morte continuamente permearam e povoaram meus pensamentos e, por esta razão, a investigação se dará a respeito do diálogo vida e morte na arte contemporânea.

Muitas pesquisas a respeito da morte já foram e continuam sendo realizadas em diversas áreas de interesse ao ser humano, afinal o cessar de um respirar, um coração que para de pulsar, sempre traz algum tipo de dor, medo e/ou algo de sentido maior, que estimula a curiosidade sobre o que existe após a vida.

Esta pesquisa se desenrola nas tramas de vários questionamentos para tentar compreender mais sobre a experiência de quase morte ou da passagem *vida/morte/vida*¹ e assim, relatos, imagens e interpretações que envolvem esse fenômeno são poetizados no sentido de alimentar uma produção artística contemporânea.

O embasamento teórico envolve diferentes concepções das relações entre o corpo, a alma, a vida, a morte e a arte que fundamentam esta pesquisa, mas também há o desenvolvimento de uma pesquisa de campo com pessoas que tiveram experiências que definem como de passagem de vida, morte e vida.

Os relatos são provenientes de questionários respondidos por pessoas que tiveram essa experiência e são analisados a fim de evidenciar as marcas deixadas por tal vivência; se existe uma romantização ou abordagem poética nas mesmas e ainda, com a intencionalidade de trazer para a produção artística a essência do corpo poetizado.

Procurou apresentar produções artísticas contemporâneas que instigam e aprofundam este estudo sobre vida, morte, corpo e alma e quais sentidos são mais

¹ A expressão é referente à experiência de quase morte, ou de passagem entre a vida e a morte.

frequentemente usados como o espiritual, o religioso ou filosófico, além de verificar como o corpo se insere nesta produção. O capítulo 1.2 apresentará a proposta metodológica que norteou o desenvolvimento da pesquisa e as escolhas que levarão à apresentação de uma produção artística; a poetização sobre as experiências compartilhadas.

No capítulo 2 abordarei como assunto corpo e alma e para fundamentá-los, os textos de autores como Grüm e Müller (2010), neste mesmo assunto, farei subdivisões, uma sobre a morte e outra sobre vida/morte/vida e os autores que irão fundamentá-las são: Cunha (2010), Menezes (1993), Kóvacs (1992), Leis (1999), Weil (1995), Grof e Grof (1997), Santos (2007) e Chicangana-Bayona (2013).

No subcapítulo 2.3 temos o corpo na arte contemporânea e os autores a serem trabalhados neste capítulo são: Canton (2009), Barbosa, Matos e Costa (2011), Santaella (2004), Melin (2008) e Meira (2003).

No capítulo 3 o relato será sobre a pesquisa que realizei a fim de trazer experiências vivenciadas sobre vida/morte/vida, e a partir dos mesmos elaborar a produção artística, os autores que trarei para fundamentá-la são Kotler (1998) e Meira (2003).

No subcapítulo 3.1 o assunto abordado é sobre a arte contemporânea e meus estudos que relatam sobre propostas para a construção de uma produção artística contemporânea. Neste processo os autores que surgem para fundamentá-la são Archer (2001) e Ostrower (2003).

O subcapítulo 3.2 será a concretização da produção artística onde Ostrower (2003), Cocchiarale (2006) e Salles (2004), são as fundamentações deste assunto, que é seguido das considerações no capítulo 4.

Esta pesquisa tem relevância em consideração às expectativas que temos sobre morte e o que existe após ela, e os sentimentos que ela exerce sobre a maioria das pessoas como dúvidas, anseios, medo. Onde a concretização de uma produção artística esta como enfoque principal desta pesquisa, tentando mostrar estes sentimentos e experiências humanas vivenciadas por determinadas pessoas.

Com foco no ser humano e a idealização da permanência de existirmos eternamente, a finalização desta pesquisa traz a poetização das experiências vividas, tentando desempenhar papel importante nesta relação entre arte, vida e morte que percorremos neste caminho.

1.2 OS FIOS DA METODOLOGIA

Esta pesquisa se desenvolve dentro da linha de Processos e Poéticas, do curso de Artes Visuais – Bacharelado – UNESC, pois têm como base os fundamentos em arte contemporânea, suas tecnologias, o processo de criação, reflexão e as poéticas das artes visuais.

A trajetória do TCC é desencadeada pelo seguinte problema: relatos de experiências envolvendo a passagem vida/morte/vida podem ser poetizados no sentido de alimentar uma produção artística contemporânea? As questões que norteiam a pesquisa são: as temáticas da experiência humana com vida, morte e alma já vem sendo abordadas na arte contemporânea? Por quem e de que forma? Que elementos podem ser trazidos de relatos sobre experiências com vida e morte para uma produção artística? Há semelhanças entre diferentes relatos de experiências envolvendo a passagem vida/morte/vida? Que imagens são frequentes na representação das experiências relatadas? Há alguma romantização ou poética nas mesmas? O sentido apresentado para os conceitos de experiência, corpo, alma, vida e morte tem mais relação com espiritualidade, religião ou filosofia? De que forma o corpo se insere na produção artística contemporânea?

Como objetivo geral procuro compreender as concepções da experiência humana envolvendo a passagem vida/morte/vida. E como específicos pretendo apresentar um embasamento teórico sobre diferentes concepções de experiência, corpo, alma, vida e morte a fim de fundamentar a pesquisa; verificar possíveis relações entre os diferentes relatos das experiências da passagem entre vida/morte/vida; analisar falas das entrevistas para assim representá-las através da produção artística contemporânea.

É uma pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa, pois está em consonância com Minayo ao relatar que: “quando tratamos de pesquisa qualitativa, frequentemente as atividades que compõe a fase exploratória, além de antecederem a construção do projeto, também a sucedem”. (1994, p.31).

Minayo afirma ainda que “tendo uma visão mais ampla, podemos dizer que a construção do projeto é inclusive uma etapa da fase exploratória [...] sendo uma das fases mais importantes da pesquisa”. (1994, p.31). Então, ao pensar a pesquisa nesta perspectiva, e do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a

mesma envolve um levantamento bibliográfico, a partir de vários autores sobre a temática escolhida.

A coleta de dados, como falas e imagens, acontece através de um questionário, onde evidencio as imagens, frases ou palavras que mais aparecem nas respostas das pessoas que tiveram experiências de quase morte, com o objetivo de tornar mais visível o imaginário comum, dentro da obra a ser contemplada.

Desta forma, foram elaboradas oito perguntas em questionários respondidos por seis pessoas, das quais foram selecionados dois questionários para serem representados neste trabalho. As pessoas escolhidas para responder estes questionários são conhecidas desta pesquisadora e se propuseram a responder essas perguntas.

Assim, termino as reflexões metodológicas com Minayo, onde a mesma diz que “o produto final da análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser sempre encarada de forma provisória e aproximativa.” (1994, p.79).

O produto almejado na pesquisa será subjetivo por propor-se a ser arte e também aberto, por ser apenas uma das percepções, dentre tantas possíveis.

2 TECENDO SOBRE O CORPO

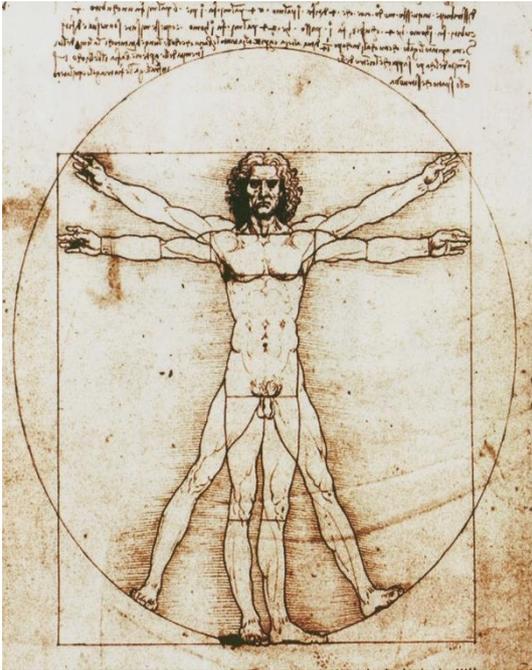
A pesquisa inicia com reflexões sobre o corpo humano e suas relações com experiência de vida e morte. O corpo é uma parte concreta do indivíduo, daquilo que ele vive e podemos enxergar, mas podemos entender que há algo mais que só a matéria, pois Müller (2010, p.20) afirma que:

Através de meu corpo, são impostos a mim limites bem claros, mas, ao mesmo tempo, estou em contato com algo que vai além daquilo que posso ver abranger, sentir. Estou em contato com minha alma como profundidade em mim. Ali sinto minha alma.

A compreensão do corpo e de como ele funciona é assunto de estudo e motivo de investigação para muitos cientistas e para as pessoas em geral. Existem registros desde os primórdios e indicativos da importância do corpo como objeto de pesquisa e de suas possibilidades de expressão.

A partir disto, pesquisas mostram que o corpo na arte foi e é o ponto de partida para estudos de vários artistas. Por exemplo, Leonardo Da Vinci expressou sua curiosidade em diversos campos e o corpo foi tema importante, inclusive ajudando-nos na percepção e entendimento mais detalhado do corpo humano. O Homem Vitruviano (Figura 1), por exemplo, é a representação universal da humanidade. Suas proporções realizadas com êxito foram motivo de inspiração para muitos artistas.

Figura 1 - O Homem Vitruviano.



Fonte: <http://www.infoescola.com/desenho/o-homem-vitruviano/>

A partir de artistas citados e das imagens da arte, podemos perceber que muitas culturas utilizaram-se e ainda escolhem o corpo para representação de suas crenças e mitos. Desta forma, podemos refletir que a representação do corpo e no corpo tornou-se símbolo da experiência estética, permitindo-nos olhar para nós, para o que somos de verdade.

Reflexões acerca da existência do espírito ou da alma são encontradas na representação do corpo desde as inscrições rupestres, até as composições artísticas mais atuais, mas fica ainda latente uma série de questionamentos como por exemplo: podemos ter uma alma? Há algo em nosso ser além do que só o corpo, a matéria viva?

Segundo Grüm e Müller (2010, p.21):

Olhando para a história das religiões, as ideias de uma alma fundam-se no desejo de êxtase, de crescer para além de si mesmo, no desejo de imortalidade e na experiência de que há ainda outros modos de conhecer e ver, do que com a inteligência e a razão.

A alma parece estar em cada momento próprio, em cada ato de expressar a interioridade, e como Grüm e Müller (2010, p. 21) mesmo afirmam, a “alma significa fantasia, criatividade, abertura para o divino, impulsos silenciosos, espontaneidade e intuição”.

Desta forma, podemos entender que o artista em seu ato de criação está em conexão com o seu eu divino, ou seja, interiorizado, em plena consonância com a sua consciência, porque conforme Grüm e Müller (2010, p.26) “existe este pressentimento interior de que nós somos mais que este corpo.”.

Ao concordar com Grüm e Müller, a respeito do corpo e da alma, entendemos que além do corpo/matéria, há algo que no desenrolar da vida percorreremos em um determinado caminho. Surge então esta vontade de expressar as tramas da vida e trazer de dentro para fora, através da arte, o que o interior possui, o que é subjetivo. Há força para além do corpo, que transborda através de palavras, de gestos e principalmente, de experiências.

Assim como Müller (2010, p. 26) afirma: entendemos que “(...) todas as afirmações e considerações sobre a alma são meras tentativas de explicar ou descrever algo que não propriamente palpável (...)”. Percebemos então, que a alma, é algo que não podemos abraçar, tocar ou pegar, mas podemos ter a convicção de que está em nós.

Müller (2010, p.27) afirma “não sei onde ‘se localiza’ em mim. Só sei, e estou convencido disso, sinto que existe dentro de mim um fundamento profundo que eu chamo de alma”.

Em meio aos fios que conduzem esta pesquisa, como uma procura ou desenrolar desta trama, fundamentos surgem também em Grüm e Müller (2010, p.28) que se referem à alma desta forma:

Quando falamos de alma, referimo-nos à dignidade interior da pessoa, ao seu coração, ao campo em que reinam fantasia e criatividade, em que a pessoa ainda sabe sonhar. A alma nos eleva acima do mundo cotidiano. Podemos refugiar-nos em nossa alma, se padecermos por causa da insensibilidade da sociedade.

Podemos perceber nesta revelação de Grüm e Müller que devemos buscar a interiorização, encontrar o equilíbrio para o corpo e para a mente, e deixar fluir para a construção do nosso eu.

Neste ponto é que se faz presente a principal trama e foco da pesquisa: as experiências de quase morte. Sobre o assunto, Müller (2010, p.87) nos expõe: “[...] Encontramo-nos aí num plano que ultrapassa nosso pensar e nossas

possibilidades de falar algo sobre isso e para além de tudo o que já dissemos até agora sobre alma. Apesar disso, precisamos tentar refletir sobre este assunto”.

Existe um diálogo pertinente a este assunto onde algumas pessoas afirmam ter passado por experiências de quase morte e é neste ponto que reflexões se fazem necessária, no sentido de encontrar algumas respostas ou novas perguntas para tentar entender os sentimentos que envolvem tais momentos.

2.1 COSTURAS E URDIDURAS ACERCA DA MORTE

A morte é vista ou entendida de formas bem diferentes, mas quase sempre associada com dor, ruptura, alívio e ainda a existência de um segundo plano, outra vida, a vida espiritual. Cunha (2010, p.185) corrobora nas reflexões:

Tratar da morte numa óptica filosófica, como é nosso escopo, exige certo equilíbrio entre fé e razão, já que temos para esse assunto, conteúdo de dois campos de conhecimento distintos, o da filosofia – que se baseia no método racional para explicar tal fenômeno – e o da religião – dando respostas às inquietações do homem diante de sua finitude, principalmente na divulgação da ideia de vida após a morte.

Logo, podemos observar que existe inquietação em relação a este assunto tanto de forma filosófica, quanto religiosa ou artística. Para fazermos uma aproximação com a arte, podemos analisar alguns artistas e suas representações sobre a morte, como Pablo Picasso, que em meio a gloriosos trabalhos retratou com veemência a morte de um de seus melhores amigos, Carlos Casagemas, onde o mesmo matou-se por um amor não correspondido. A obra sobre o Funeral de Casagemas (Figura 2), como ficou conhecida, é a representação da morte de uma forma considerada profana e ateuista, sendo este o modo encontrado pelo pintor para representar a perda de um amigo querido.

Figura 2 - O funeral de Casagemas.



Fonte: Picasso/Abril Coleções, 2011.

Edvard Munch também retratou o cotidiano humano e a finitude da vida, mostrada em vários trabalhos, como posso citar a pintura Mãe Morta e a Criança de 1897/1899 (Figura 3). Nesta pintura podemos perceber a dor, a criança que tapa os ouvidos e que fica alheia às outras pessoas que estão retratadas na tela.

Figura 3 - Mãe Morta e a Criança



Fonte: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/tempocial/site/images/stories/edicoes/v0512/Pintura.pdf>

Menezes (1993, p.87) permite nos aprofundar nesta imagem quando escreve que: “O que queremos ressaltar é que Munch, através de suas pinturas, parece a cada dia, ao pintar incessantemente os temas que lhe causam dor- ciúmes,

doença, solidão e morte- dizer um não a fingir que eles não existiram ou não tiveram importância em sua existência”.

Ao analisar as imagens da arte e/ou obras de arte e pesquisar sobre a morte podemos perceber questões que são levantadas em diversos tempos sobre a vida e sobre a morte. Neste sentido, quando Menezes cita Munch, percebemos a necessidade que teve de expressar suas emoções, experimentações e dúvidas nas obras, a fim de saciar a vontade de criação e para que os espectadores consigam de alguma forma se tocados pela arte.

Sobre Munch, Menezes (1993, p.87) reflete ainda que:

Pelo contrário, ao materializar em si mesmo, através de suas pinturas, seus fantasmas mais apavorantes, ao não virar as costas aos pavores da existência, Munch parece querer dar passos, cada vez mais consistentes, à incorporação da dor como momento de vida, bem como a experimentação, seu vivenciamento, como superação, como aprofundamento de si.

Menezes nos revela que Munch se aprofundava na retratação de sua existência, na materialização da vida, da dor humana. E a morte que faz parte da existência humana não poderia ficar de fora dessa retratação. Seus mistérios, tudo que a abrange, fazem parte da complexa vida humana.

Fazendo aproximações na arte contemporânea podemos refletir sobre o retorno na primeira década do século XXI, sobre o tema *Vanitas*², não como outrora que fazia alusão ao tema religioso ou moralizante, mas que refletem a época atual e marcam uma face de sua contemporaneidade que vai além da tradição e traz como pano de fundo a realidade, a beleza, o consumo.

A obra em que podemos fazer uma reflexão é do artista Luiz Zerbini, intitulada “Abraço”, que esteve em exposição no *MARGS*³, chamada “HumaniCorporis Fabrica: Anatomia das relações entre arte e medicina” (Figura 4), onde podemos analisar a inquietação ao olhá-la, duas caveiras humanas compondo apenas um dorso, refletindo a insignificância da vida terrena e também da vaidade.

²O tema Vanitas é um dos temas do gênero da natureza-morta que foi muito comum em toda a Europa no final do século XVI, por todo o século XVII e início do século XVIII, provém de um versículo do Eclesiastes, que pertence aos chamados livros sapienciais do antigo testamento, e parte da ideia de que tudo é vaidade: “Vaidade de vaidades, diz o pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade” (no latim, Vanitas Vanitatum Dixit Ecclesiastes, Vanitas Vanitatum et Omnia Vanitas) (Eclesiastes, 1:2)

³Museu de arte do Rio Grande do Sul.

Figura 4 - Abraço por Luiz Zerbini.



Fonte: <http://www.cultura.rs.gov.br/v2/wp-content/uploads/2013/06/02522-Luiz-ZERBINI-Abra%C3%A7o.jpg>.

O corpo terreno, mortal, este corpo que procura significação é mostrado de tal forma nesta imagem, como alusão que nós fazemos muitas vezes a nossas vidas. Kandinski (1996, p.12) comenta que “a ressonância espiritual é uma necessidade interior e constituem o princípio básico de todo trabalho criador”.

Deste modo, pode-se falar da inquietação em expressar na obra o que fica após a morte humana; são efeitos que esta obra traz sobre o a reflexão do olhar. Ainda neste mesmo contexto, Kandinski (1996, p.12) escreve que “o pintor deve procurar, antes de tudo, entrar em contato eficaz com a alma humana, única garantia de profundidade cósmica da arte”.

A morte é um tema recorrente, mas o que intriga é a curiosidade sobre o que existe após esta vida, o que acontece depois da morte ou se realmente acontece algo. Mostrar a dor, representar a vaidade dos seres humanos, se torna um pouco mais fácil, por estar presente na vida diária das pessoas, mas representar o que há depois disto tudo, desta vida material, se torna difícil, pois não sabemos de fato se existe algo.

Assim Kovács (1992, p.2) diz que: “[...] Entrelaçamos vida e morte, durante todo nosso processo de desenvolvimento vital. Engana-se quem acredita que a morte só é um problema no final da vida, e que só então deverá pensar nela”.

Sobre a preocupação que devemos ter em relação à morte, constantemente a autora também nos adverte que “[...] o que buscamos não é a vida

eterna e sim a juventude eterna [...]” (idem). Muitas pessoas procuram a imortalidade, então a juventude e a saúde são elementos que não são coerentes ou condizentes com o final da vida, onde a dor, a velhice entre outros sentimentos envolvem o processo de desenvolvimento do ser humano.

Héctor Leis (1999, p.48) também argumenta que:

A morte contemporânea ilumina precisamente o caráter de uma sociedade que se permite não chamar muito atenção sobre esses paradoxos aberrantes. O drama da morte na sociedade contemporânea não chama atenção porque vem acompanhado pela prévia degradação do eu espiritual e pela exaltação do eu biológico.

Este *eu biológico* que Héctor Leis (idem) nos adverte, está presente constantemente em nossas vidas, quando buscamos prolongar a vida e manter o corpo jovem, através de remédios, através de exercícios e nesta procura infinita pela eternidade, muitos de nós exageram na procura do corpo perfeito, submetendo-o a cirurgias e a remédios desnecessariamente. Esquecemo-nos do eu subjetivo e da brevidade deste corpo material e olhamos apenas o ser biológico que Héctor Leis (idem) menciona.

2.2 VIDA/MORTE/VIDA

Os termos vida/morte/vida assim aproximados na escrita desta pesquisa, remetem às experiências que refletem a significação da morte e a representação que ela nos ofereceu ao longo dos anos no contexto de alguns artistas.

Para amenizar esse processo de conscientização, Weil (1995, p.205) resume-nos que “toda morte é uma transformação de energia que forma diferentes sistemas percebidos como perecíveis”.

Podemos então refletir, a morte é o fim desta vida ou o começo de outra? Grof e Grof (1997, p. 215) nos descrevem que:

Ficou claro que uma porcentagem de ocidentais contemporâneos, diante do súbito confronto com a morte, passavam por uma colorida aventura visionária que resulta numa profunda abertura espiritual e uma pronunciada transformação da personalidade. Até recentemente isso costumava levar a uma acentuada crise psico-espiritual, visto que a realidade dessas experiências não era aceito por profissionais nem pela nossa cultura como um todo.

Assim podemos observar que os autores, ao se depararem com o assunto de quase morte nos falam da transformação pessoal que algumas pessoas sofrem ao se encontrarem com essa tão temida hora. Desta forma há certo conforto em torno deste tema, pois pode parecer um caminho menos doloroso, pensar em um lugar onde possamos descansar e reencontrar pessoas queridas.

Santos (2007, p.13-25) argumenta que:

Para as pessoas vivendo em sociedades antigas ou atuais, a origem da morte é explicada através de estórias e/ou mitos. Todas as sociedades desenvolveram um ou mais sistemas fúnebres pelos quais podiam entender a morte em seus aspectos pessoais e sociais.

Assim como o autor menciona, a sociedade humana sempre teve meios de explicar a morte, cada qual com suas estórias, mitos e meios de representá-la tornando-se maneiras diversificadas para entendimento do que existe.

Representações religiosas na arte mostravam o que acontece depois da morte, foram métodos de registrar e representar, expressar de certa forma controlar o povo, para que tivessem até receio de cometer os ditos “pecados”. Weil (1995, p.172) confirma a tese citada quando diz que “é preciso admitir que a morte gera medo”. Na figura 5 podemos ver a representação da vida após a morte sugerindo a que quem cometesse o pecado, sofreria as terríveis consequências.

Figura 5 - Inferno. Anônimo



Fonte: <http://www.scielo.br/pdf/his/v32n1/13.pdf>

Chicangana-Bayona(2013, p. 222) nos revela sobre a pintura que:“A obra mostra a condenação de uma série de vícios mundanos do tipo carnal; condena seis pecados capitais – orgulho, avareza, luxúria, gula, ira, inveja, já que a preguiça não

aparece; em troca, a impureza ganha maior destaque com a sodomia”.

A religião usou frequentemente de artifícios para explicar o que acontece após a morte. Segundo Chicangana-Bayona (2013, p. 225):

Estes elementos que identificam a indumentária dos demônios com as dos indígenas do Novo Mundo não correspondem a nenhuma etnia em especial. É, sim, um esquema de representação generalizado, encontrado pelos europeus - concretamente para este caso, pelos portugueses - para identificar um “novo povo”, torná-lo familiar e incluí-lo na sua realidade.

Podemos observar nesta pintura (Figura 5), que além de ser incluída a descoberta do novo mundo, o Brasil, os índios e sua forma se vestir, de sua cultura rudimentar, tornaram-se a intenção principal, neste caso para os portugueses de explicar a morte ao povo relacionando a descoberta como algo profano, que levariam muitos ao pecado mortal.

Do ponto de vista filosófico, Santos (2007, p.13-25) nos remete a Sócrates que afirmava: “o propósito da filosofia era descobrir o significado da vida em relação à morte e entender a natureza da alma [...]”. Ainda de acordo com Sócrates: “a arte de morrer, nada mais era do que aceitar a morte como separação da alma (a qual continua a existir) do corpo (o qual cessa de existir)”.

Pensamentos assim, repassados pela história e filosofia antigas, explicam o medo e as imagens que construímos a seu respeito. A morte e sua representação foram sendo modificadas conforme o tempo que se trata, então, por exemplo, na antiguidade, a religião explica que existe céu e inferno, sendo que a religiosidade predominava e dominava no âmbito familiar, não havendo distanciamento deste acontecimento, a morte.

De acordo com Santos (2007, p.13-25):

O doente, então, ao pressentir uma doença incurável, chamava os parentes, os amigos íntimos, os conhecidos da vila para o ritual da despedida. As crianças participavam desse processo, tanto que todas as pinturas sobre a morte na Idade Média costumam retratá-las ao lado dos moribundos.

Se a morte no passado era desta forma entendida, nos tempos atuais podemos analisar que, com as tecnologias avançando, transformações culturais e alguma desmitificações transformaram nossa visão. Santos (2007, p.13-25) afirma que nos dias atuais “o tempo da morte alongou-se à vontade do médico: este não

pode suprimir a morte, mas pode regular a sua duração”. Podemos perceber neste contexto, as *ressuscitações constantes*⁴ que são realizadas, as formas de medicamentos e estudos que são feitos para prolongar a vida e manter o corpo vivo.

2.3 O CORPO NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Neste emaranhado de questões que envolvem a vida e a morte, o corpo se insere no meio destas interrogações, pois o corpo é nossa morada, um lugar, suporte para a arte e meio expressivo. Canton (2009, p.21) refere-se a artistas contemporâneos quando os mesmos utilizam outros suportes para suas obras:

No emaranhado disperso da vida cotidiana, afinal, procuramos o eu através do outro, rastreamos nossas histórias e abrimos nossos íntimos na tentativa de oferecer verdadeiramente para o mundo. É essa troca genuína de memórias e de sentidos que buscam os artistas contemporâneos.

Ao longo do tempo o corpo humano passou por diversas modificações. Podemos fazer uma breve análise, por exemplo, da idealização do corpo na Grécia antiga onde Barbosa, Matos e Costa (2011, p.25) analisam que “o corpo era visto como elemento de glorificação e de interesse do estado”.

No cristianismo, onde havia o silêncio e o proibido, o corpo passa de fonte de beleza para fonte de pecado. Barbosa, Matos e Costa (2011) indagam que uma das razões porque o cristianismo possui uma história própria e de difícil relação com o corpo. Durante muito tempo foi o central a espiritualização e o controle de tudo o que é material.

Na Idade Média a dominação total do cristianismo influenciou a vivência do corpo neste contexto. Barbosa, Matos e Costa (2011, p.26) resumem que “o corpo, ao estar relacionado com o terreno, o material seria a prisão da alma”. Já no renascimento o corpo torna-se objeto de estudos científicos, “o corpo, agora sob um olhar ‘científico’ serviu de objeto de estudos e experiências.”(idem).

⁴ As tentativas de restituir a vida às pessoas em morte aparente por parada cardiorrespiratória são bem antigas e o primeiro método empregado com essa finalidade foi a respiração boca a boca, como sugere a seguinte passagem bíblica em que o profeta Eliseu reanimou uma criança dada como morta: “*E subiu, e deitou-se sobre o menino, e, pondo sua boca sobre a boca dele, e o seus olhos sobre os olhos dele,, e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu*” (Reis II 9:34). Disponível em: <http://www.jmrezende.com.br/ressuscitacao.htm> acesso em: 05/06/2014.

Atualmente o corpo assume o papel de ser suporte para a arte, o suporte para o “eu”, ele torna-se o abrigo da alma e ainda o sujeito que assume alguns papéis perante a sociedade. Sendo objetivo de estudo, o corpo, Santaella (2004, p.28) afirma que:

Entre os temas mais constantes, além das interrogações sobre a natureza e estatuto do corpo, encontra-se o questionamento sobre seus limites, sobre as antigas, apaziguadoras e hoje duvidosas fronteiras entre o individual e social masculino e feminino, vida e morte, natureza e cultura, natural e artificial, presença e ausência, atualidade e virtualidade.

Entre as grandes mudanças das imagens do corpo, a representação do mesmo como ideal de beleza não dá conta do que ele significa. O corpo já se tornou extensão da pintura ou mesmo a própria pintura. Mesmo causando estranhamento e até certo horror em alguns casos, o corpo como arte é conduzindo ora sendo o objeto, ora sendo a arte. Como exemplo, a autora Melin (2008, p.15) nos revela que:

Beuys ao realizar uma de suas ações performáticas, na Galeria Schemela, em Düsseldorf, durante três horas o público ficou do lado de fora, assistindo pela janela a Beuys com a cabeça recoberta de mel e folhas de ouro mostrando seus desenhos e pinturas ali expostos a uma lebre morta.

Podemos fazer observar na Figura 6, que *Beuys*⁵ cobria o rosto porque encarava suas ações como rituais, tal o estado de concentração e intensidade que atingia durante uma apresentação e considerando que cada ato nesta performance, em específico, carregava várias significações. O corpo se fazendo arte.

⁵ Artista alemão Joseph Beuys (1921-1986) é dono de uma vasta e múltipla produção artística expressa na forma de desenhos, esculturas, ações, atuação política, educativa e diversos escritos. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202011000200008 Acesso em: 05/06/2014.

Figura 6 - Joseph Beuys. Como explicar pintura a uma lebre morta, 1965



Fonte: <http://www.artecapital.net>

Corpo e corporeidade são temas difíceis e que geram muitas discussões entre os estudiosos, pois algumas vezes são usados como sinônimos, outras são impostas diferenças entre si. Podemos ressaltar que a corporeidade assim imposta é a expressão ou a capacidade do corpo de sentir diferentes maneiras de ser.

Deste modo, Meira (2003, p.28) nos dá uma visão sobre o corpo e corporeidade quando afirma que:

Paul Valéry dizia que o pintor vale-se do corpo porque o espírito não pode pintar. Empréstado seu corpo ao mundo, o pintor o transforma em pintura. O corpo operante e atual precisa ser reencontrado, não como objeto, matéria viva ou parte do espaço vivido, porque ele não é um feixe de funções, mas um entrelaçamento de visibilidade e movimento. Essa ideia vai ser ampliada por Merleau-Ponty, ao dizer que, com seu corpo, o pintor sustenta o gesto do espírito, a metafísica do ato criador que mostra como o homem é construtor ao criar.

Assim, podemos observar que na contemporaneidade o corpo transformou-se em obra e ultrapassou, para alguns artistas, a exploração e o modo como é tratado, onde corpo tornou-se obsoleto.

3 PESQUISANDO E ENTREMEANDO OS FIOS DE OUTRAS EXPERIÊNCIAS

Com intuito de aproximação da arte contemporânea e desenvolvimento de uma produção artística, uma pesquisa de campo foi realizada com duas pessoas acerca da experiência que tiveram de passagem vida/morte/vida.

As pessoas que participaram da pesquisa serão aqui identificadas como entrevistada A e entrevistada B. A primeira participante teve a vivência de quase morte em uma cesárea e a segunda entrevistada em um transplante de rim.

Para a realização da pesquisa foram estruturados questionários onde estão sendo abordados alguns dos possíveis temas relacionados às impressões acerca da passagem vida/morte/vida. Kotler (1998, p.121) faz menção ao questionário:

O questionário consiste de um conjunto de questões para serem respondidas por entrevistados. Em função de sua flexibilidade, é o instrumento mais comum para coletar dados primários. Precisam ser cuidadosamente desenvolvidos, testados e corrigidos antes de serem administrados em larga escala.

Foram elaboradas oito perguntas, que possuem por objetivo levantar informações a respeito da experiência vivida e assim poder ajudar a estruturar o trabalho aqui proposto.

Desta forma a apresentação das perguntas e respostas será exibida na sequência em que foi realizada coma identificação A e B, e respeitando a grafia original:

1. Em sua opinião, existe vida após a morte? Qual sua crença?

A: “Existe, acredito que temos um lugar que ficamos conforme o merecimento de cada um de nós”.

B: “Sim, acredito em Jesus, o pai celestial deu toda a autoridade a Ele”.

2. Você acredita ter passado por uma experiência de quase morte? Por quê?

A: “Acredito. Eu senti que sai do meu corpo, tive consciência o tempo todo do que estava me acontecendo, e tenho em minha memória todas as sensações”.

B: “Sim. Na verdade fiquei em coma e aquela semana se apagou, entrei em uma

sexta-feira no hospital e acordei na outra sexta-feira, para mim foi como se eu estivesse no mesmo dia, como se apenas tivesse dormindo”.

3. Descreva como foi essa experiência:

A: “Foi no parto (cesária) em 1969, do meu segundo filho, acredito que a anestesia não deu resultado, pois senti toda a operação (dor) e depois senti que sai do meu corpo, flutuei, e lá de cima, olhei para baixo e vi meu corpo na cama do hospital, e acima, era uma espécie de túnel muito escuro, depois comecei a rezar, pedir para ficar e senti que caí...entrei novamente no meu corpo e comecei a sentir as dores novamente. Tenho uma sensação muito ruim cada vez que lembro...”.

B: “Eu descii para fazer o exame programado, e dali não acordei mais, me recordo apenas da minha filha falando comigo, sendo que havia muitas outras pessoas. E então, durante a cirurgia entrei em um tubo, que fazia um barulho muito forte, naquele momento eu senti que ia morrer e pedi senhor não é minha hora ainda, não posso morrer agora. E então voltei ao meu corpo”.

4. Quais imagens mais lembram você daquele momento?

A: “Do túnel escuro, do meu corpo sobre a cama da cirurgia... Porém não me lembro dos médicos e da equipe que com certeza estavam ali naquele quarto, apenas via meu corpo”.

B: “Principalmente do túnel que fazia o barulho”.

5. A experiência vivida trouxe alguma mudança para você? Exemplifique:

A: “Sim, me tornei ainda mais crente em Deus, pois rezei pedindo para ficar e assim ele o fez, ouviu as minhas preces”.

B: “Sim. A mudança que eu tive foi a força na vida, a vontade de viver aumentou. Essa experiência serviu de testemunho para outras pessoas, foi um verdadeiro milagre de Deus. Minhas irmãs após a cirurgia e o meu coma, quando eu acordei, foram perguntar ao médico porque minha cirurgia estava tão feia, visto que o corte estava de qualquer jeito, ele disse em resposta que era para elas levantarem a mão para o céu e dar graças a Deus, pois não era para eu estar viva. Ele disse ela foi até a porta do céu e Deus mandou-a voltar”.

6. Você tem medo da morte, ou que emoções relaciona à mesma?

A: “Tenho medo sim, não sei o que nos espera do outro lado, não vejo isso como uma experiência boa.”.

B: “Tenho medo da passagem, da agonia da morte. Não tenho medo depois da morte, ou o céu ou o inferno”.

7. Depois dessa experiência como você define a morte?

A: “Algo desconhecido. Assustador... Tenho medo de sofrimento...”.

B: “Não sei explica”.

8. Qual é seu entendimento de corpo e de alma?

A: “O corpo perece e nossa alma permanece e nossa consciência está nela, pois quando saí do meu corpo minha consciência permaneceu, eu sabia o que estava acontecendo”.

B: “Existem três elementos que compõe o ser humano, o corpo, a alma e o espírito. O corpo perece e o espírito e a alma são para sempre”.

A partir destes questionários, meus estudos para a produção artística começaram a desenrolar alguns fios e tomar formas, envolvendo as respostas e experiências compartilhadas, se transformando em ideias e imagens a serem desenvolvidas. Assim, cito Meira (2003, p.43) que reforça a intenção de materializar o que ainda é esboço e que iniciou com um poema: “o conceito de obra é expandido da criação de poemas para a prosa literária e para os atos criadores da arte em geral”.

Nas tentativas de encontrar o material, a técnica, o suporte e principalmente a poética, Meira (2003, p.44) diz que “A poética se caracteriza por um objeto único, ou matriz, em dar existência a um tipo de trabalho de transformação, em que o sujeito e obra criam relações de diálogo, compromisso e responsabilidade pessoal e social”.

Portanto, as transformações das experiências em criação artística se tornam uma responsabilidade no que diz respeito em utilizar as vivências relatadas para tecer uma obra que consiga ser síntese ou apresentar o essencial em imagem e sentido.

3.1 A ARTE CONTEMPORÂNEA E SUAS RELAÇÕES

Deparamo-nos com diversos modos de se fazer arte, onde a mesma não se utiliza apenas de materiais que seriam óbvios, mas de desconcertantes modos que então, muitas vezes temos que observar com cautela, para entender a proposta do artista.

Archer (2001, prefácio) explica seu ponto de vista ao relatar que:

De início, parece que, quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como “arte”, pelo menos de um ponto de vista tradicional. Por um lado, não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material da arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas.

Assim podemos refletir que a arte contemporânea é de certa forma enigmática, pois à primeira vista, em muitas obras não conseguimos distinguir exatamente o que foi proposto pelo autor da mesma, e por outro lado podemos observar que não existe limite ao que diz respeito à expressão da mesma, sendo desta forma, motivação ao uso de diversas formas e jeitos de trabalhar o que a sociedade nos fornece como informação.

Archer (2001, p.214) cita um exemplo: “*Damien Hirst com a obra ‘A impossibilidade física da morte na mente de alguém vivo’*”⁶(1991), onde o mesmo chama a atenção por ter a morte como tema recorrente de seus trabalhos.”

Archer (2001, p.214) corrobora quando explica que o artista em questão e suas obras “também se ocupavam com a força do desejo e do medo que o homem sente em relação ao amor, à beleza e à morte, bem como nossa incapacidade de enfrentá-los”.

⁶ Figura 7.

Figura 7 - A impossibilidade física da morte na mente de alguém vivo.



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=40619>

Neste processo de refletir sobre a arte contemporânea, já surgiram diversas ideias sobre a produção artística, muitos caminhos foram percorridos para a concretização da obra em si, mas as escolhas são bastante complexas de fazer.

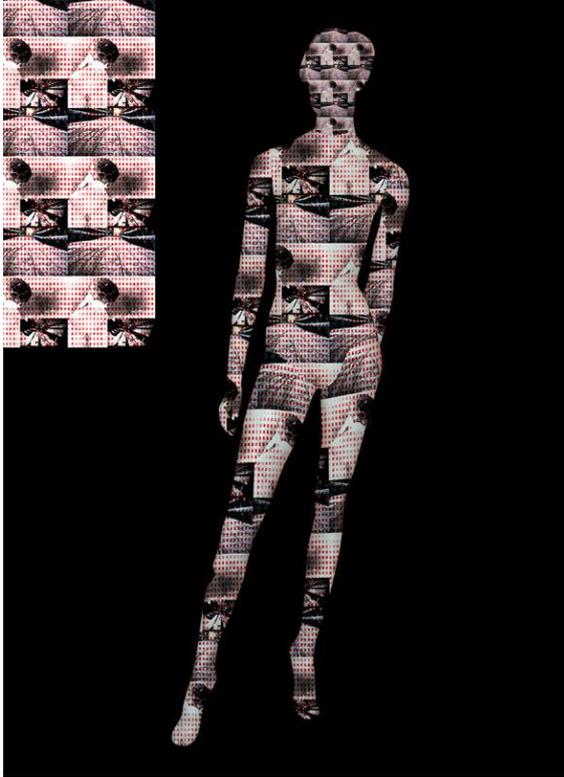
Ostrower (2003, p.26) contribui nos estudos quando menciona que:

O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre.

Podemos observar na figura 8 o começo da realização e concretização das ideias e esboços que foram surgindo em volta das experiências sobre vida/morte/vida. No começo a intenção era montar um manequim feminino para representar a minha experiência. Revesti-lo de tecido em poliéster tramado e expor imagens que remetesse a experiência que as pessoas entrevistadas relataram.

Com o desenrolar da pesquisa, outra possibilidade surgiu, onde seriam colocados dois manequins (figura 9), um estaria no chão e o outro suspenso, ambos envoltos de tecidos tramados, representando a vida. O de baixo estaria de preto e o de cima de branco e entre eles desceria um tecido também tramado com frases e palavras que representassem essa experiência.

Figura 8 - Estudo para obra.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 9 - Estudo para obra.

DOIS MANEQUINS SERÃO USADOS, SENDO QUE UM ESTARÁ NO CHÃO DEITADO E O OUTRO SUSPENSO NO TETO. AMBOS ESTARÃO ENVOLTO DE TECIDO TRAMADOS, REPRESENTANDO A VIDA. O DE BAIXO EM PRETO E O DE CIMA DE BRANCO, ENTRE ELAS DESCERÁ UM TECIDO TAMBÉM TRAMADO E ESTAMPADO COM IMAGENS E FRASES QUE REPRESENTAM ESTA EXPERIÊNCIA DE VIDA/MORTE/VIDA.

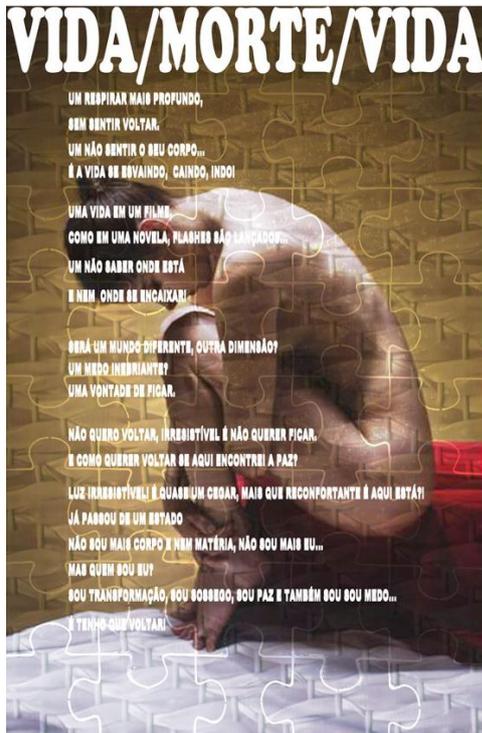


Fonte: Acervo pessoal

Então busco em Ostrower (2003, p.27) fundamentos para pensar sobre a criatividade, sendo que o autor a define da seguinte forma: “a criatividade, como a entendemos, implica uma força crescente; ela se nos reabastece próprios processos através dos quais se realiza”.

Mais alguns esboços foram realizados e apresentados nas figuras 10 e 11, onde podemos observar que desde o início o tecido e seu tramado fazem parte integral da ideia, onde o mesmo se torna a representação das experiências humanas vividas. Porém outras ideias, além do tecido, foram surgindo e a acrescento ao estudo da figura 10 fotos minhas, apresentando o nu e em posições que refletissem fantasmas na fotografia; seriam feitos quebra-cabeças, remetendo-nos a individualidade de cada pessoa que foi entrevistada e ainda, o poema que escrevi no começo deste trabalho seria colocado em cima das imagens. Ainda insatisfeita, elaborei mais uma possibilidade e, como mostrado na figura 11, parte do meu rosto seria desintegrada em quebra-cabeças em cima do tecido tramado.

Figura 10 - Proposta para obra.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 11 - Proposta para obra.



Fonte: Acervo pessoal.

Mas ainda não encontrei uma solução para o que desejo. Como poetizar tais experiências e apresentar em uma produção artística? A tentativa será de não descartar o que foi elaborado, mas reunir aquilo que é essencial.

3.2 OBRA – UM TRAMAR DA VIDA

Seguindo a proposta desta pesquisa, que consiste em elaborar uma produção artística contemporânea, procuro trazer uma obra que represente os laços com as pessoas que foram parte deste trabalho.

Este processo de criação é uma forma de vivenciar e relacionar-se com os outros, de abordar com as experiências humanas no aspecto de vida/morte/vida. Ostrower (2003, p.142) reflete sobre o processo de criação quando afirma que:

Os processos criativos são processos construtivos globais. Envolvem a personalidade toda, o modo de a pessoa diferenciar-se dentro de si, de ordenar e relacionar-se em si e de relacionar-se com os outros. Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los.

Portanto, a inspiração e o fundamento para criação artística que será

apresentada é a vivência dos seres humanos. Procuo olhar para dentro e ao redor, expressar a realidade, mostrar não só questões relacionadas a mim, mas também as questões que envolvem as pessoas que estão ao meu redor e que responderam ao questionário.

Venho tentando desconstruir-me e construir questionamentos internos e externos que envolvem a tudo e a todos, sendo que a morte, a vida e, se existe vida após a morte, aparecem como os grandes temas.

A obra final é tecida a mão, na técnica de *macramê*⁷, e está relacionada com a vivência que tive com minha vó, mãe de meu pai, que quando eu era criança, observava ela tecendo os tapetes a mão. Também tem a ver com meu marido, pois o tecido e a técnica manual o acompanham desde pequeno, onde seu pai era pescador e habilidoso em tecer redes de pesca. Ele me ensinou a desenvolver este tecido, que além da minha experiência representa também a vida, o caminhar e desenrolar dos acontecimentos das pessoas pesquisadas e daqueles que se sentirem contemplados e tocados pela arte.

Cocchiarale (2006, p.69) explica que:

Na verdade, quando eu escrevo sobre a arte contemporânea eu procuro pensar no que uma obra tem, até porque é da natureza das coisas no mundo contemporâneo fugirem à classificação em modelos fixos. Se eu não tenho um padrão fixo para dizer arte contemporânea, eu tenho dezenas de critérios, alguns contraditórios entre si, que são combinados e que tecem uma malha esgarçada que caracteriza os textos atualmente.

Podemos entender desta forma que a arte contemporânea é uma relação com a vida, com o cotidiano, e assim como vida, ela nos traz questionamentos muitas vezes difíceis de serem entendidos, que são contraditórios, mas que transmitem algo dos fatos, talvez os pensamentos do criador ou a relação com o próximo.

Esta obra ou produção artística contém os questionamentos, as verdades ou inverdades de algumas pessoas, o medo, a ilusão, a curiosidade que vai além da nossa compreensão; contém realidade e fantasia; fatos e imaginação.

Salles (2004, p.33) refere-se à obra da seguinte forma: “O percurso de concretização da obra caminha, para uma satisfação mesmo que transitória, [...]”.

⁷Renda pesada, feita de linha traçada e amarrada. Fio trançado, próprio para bordados, filés e crochês. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/macrame/>. Acesso em 07/07/2014

Pois há uma profunda verdade que o artista procura expressar em sua obra, mas nunca consegue integralmente”.

A obra caminha para o agrupamento dos pensamentos sobre a morte, sobre a vida e também a efemeridade que acabamos nos tornando.

Corpo, vida, morte, vida após a morte, estes são os elementos trabalhados nesta obra, fazendo alusão aos fios, linhas, tramas, e tecidos de que a vida é feita. Também nela evidenciei a foto de uma ponte que fica acima da Barragem do Rio São Bento, em Siderópolis, SC. A escolha desta foto é a representação da ligação que meu pai tem com o lugar, pois ele viveu nesta comunidade por muito tempo, sendo assim, de alguma forma faço a ligação simbólica da “ponte” com o passado. A ponte também representa a passagem da vida, o ponto de ligação entre a vida e morte e o caminho que percorremos.

Ela está representada juntamente com outras imagens que escolhi para fazer a composição que será estampada de um lado, onde podemos observar na figura 12: mãos que representam o corpo humano, pés flutuando, representando as entrevistas feitas, onde as mesmas comentaram a respeito da sensação de estar flutuando, o túnel colocado subliminarmente para fazer alusão da passagem da vida para a morte, assim como também a representação das falas das entrevistas, onde as mesmas dizem ter passado por um túnel.

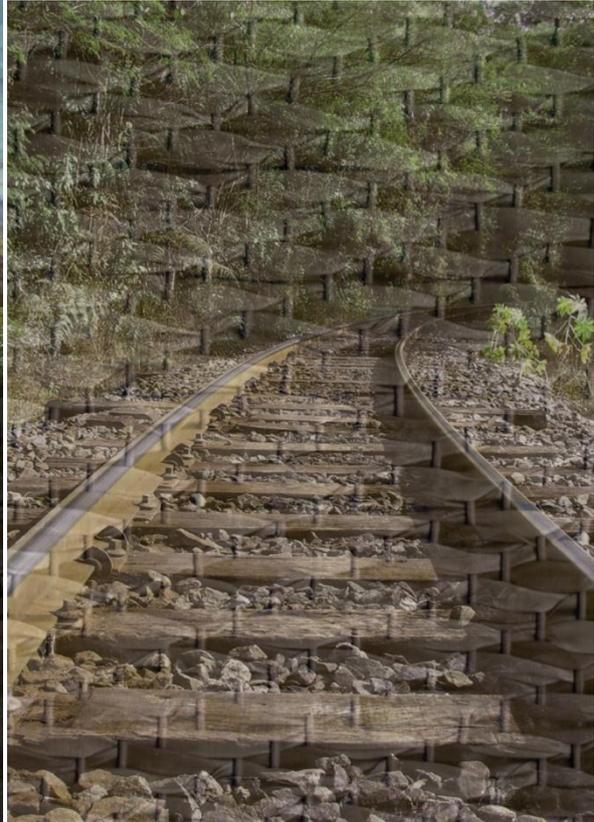
Podemos observar na figura 13 a imagem que será estampada do outro lado do tecido tramado, preso ao terreno, onde ela se entrelaça, e em determinado ponto ela não terminará, mostrando um trilho de trem que remete assim, a representação dos questionamentos do que existe além-vida, da passagem da vida para a morte.

Figura 12 - O tramar da vida.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 13 - O tramar da vida.



Fonte: Acervo pessoal.

Faço na obra um exercício de desconstrução, de interiorização do meu eu, em torno de outro eu, de outras pessoas, outras histórias, como Salles (2004, p.32) afirma: “a construção da obra acontece, portanto, na continuidade, em um ambiente de total envolvimento.”

Neste processo a montagem da obra no espaço expositivo pode ser observada na figura 14, onde ao analisá-la, observamos que ela esta suspensa por várias tiras, na qual representa a vivencia e o caminhar de cada pessoa, ela foi tecida na mão sem a ajuda de nenhum objeto, por uma técnica chamada macramê, que se refere propriamente a nós.

Cada trama tecida representa as pessoas e a vida das mesmas, e também a minha própria experiência em relação à vida/morte/vida.

Ela esta presa ao terreno e se dissolve em tiras, trazendo a imagem de que estamos vivendo e respirando, nascemos e a única certeza que podemos ter é que um dia este corpo morre e acaba esta vida e talvez comece outra.

Desejo o envolvimento e a experiência que apenas cada um que visualiza a obra pode remeter-se; a sua imaginação, sua fruição, a sua apreciação.

Figura 14 - Obra na Exposição dos trabalhos de conclusão de Artes Visuais – 23/06/2014.



Fonte: Acervo pessoal

4 CONSIDERAÇÕES

A pesquisa começou com enfoque no tema vida e morte na arte contemporânea, com a problematização que envolvia expor experiências envolvendo a passagem vida/morte/vida para assim ser poetizado no sentido de alimentar uma produção artística contemporânea.

Com os objetivos de buscar nos relatos das pessoas entrevistadas elementos das experiências vividas para a produção em questão, pude incluir essa passagem que elas afirmam ter vivenciado, compreendendo também as concepções da experiência humana.

O embasamento teórico envolveu relações entre o corpo, a alma, a vida, a morte e a arte, sendo que a pesquisa de campo norteou a produção artística.

Podemos analisar, ao final desta pesquisa, que a temática da experiência humana com vida, morte, corpo e alma são abordados por pesquisadores e artistas em diferentes épocas e com diversas abordagens. Os elementos mais evidenciados nas respostas dos questionários foram o túnel, a sensação de sair do corpo, a consciência da quase morte, a agonia da morte. Percebi que nos diferentes relatos existem algumas semelhanças, a exemplo o túnel que afirmam ter entrado. Desta forma a imagem que mais prevalece é o túnel, a passagem desta vida para outra, supostamente.

Neste contexto, o principal conceito de experiência, com o corpo, a alma, vida e morte, prevalecem questões tanto espirituais quanto religiosas a serem discutidas, sendo que a arte abrangeu ambos os contextos.

Ao encontro deste tema que se tornou latente para mim, percebo que no decorrer do curso de Artes Visuais, sempre estive a procura de questões que envolvem o tramar da vida relacionando cada ato, muitas vezes pensamentos, em motivação para concretização de uma determinada produção.

Desta forma, tento estabelecer nesta pesquisa uma trajetória que foi percorrida até aqui, com a sensação de que esta produção possa ser apenas o ponto de partida, o começo da transformação e conscientização das ideias em poéticas, da emoção e da arte que me motiva, e assim revelar o que existe de dentro para fora, o fazer artístico.

REFERÊNCIAS

- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea**: uma historia concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 263 p.
- CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.(Temas da arte contemporânea). 71 p.
- COCCHIARALE, Fernando. . **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006. 77p.
- GROF, Stanislav; GROF, Christiana. **Emergência espiritual**: crise e transformação espiritual. São Paulo: Ed. Cultrix, 1997. 266 p.
- GRÜM, Anselm, MÜLLER, Wunibald. **A alma**: seu segredo e sua força. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis, Rj. Vozes, 2010.
- KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte**: e na pintura em particular. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 284 p.
- KOTLER, Philip. **Administração de marketing**. 10. Ed. São Paulo: Prentice Hall, 1998. 764 p.
- MEIRA, Marly. **Filosofia da criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.142 p.
- MELIN, Regina. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed, 2008.74 p.
- MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.80p. (coleção temas sócias).
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. 17. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 187 p.
- SANTAELLA, Lúcia. **Corpo e comunicação: sintonia da cultura**. São Paulo. Paulus, 2004.162 p.
- WEIL, Pierre. **A morte da morte**: uma abordagem transpessoal. São Paulo: Gente, 1995.209 p.

REFERÊNCIAS DIGITAIS

- BARBOSA, M. R., MATOS, P. M., & COSTA, M. E. (2011). **Um olhar sobre o corpo**: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 24-34. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>
- CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. **Visões do Novo Mundo na pintura religiosa da Renascença**. *História (São Paulo)* v.32, n.1, p. 198-230. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v32n1/13.pdf>
- CUNHA, Anderson Santana. **Finitude Humana**: A perplexidade do homem diante da morte. 5º encontro de pesquisa na graduação em filosofia da UNESP. Vol.3, nº1, 2010. Disponível em: [http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/AndersonSantanaCunha\(182-193\).Pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/AndersonSantanaCunha(182-193).Pdf)
- KOVÁCS, Maria Júlia-coordenadora. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa dos Psicólogos, 1992. Disponível em: <http://books.google.com.br/books>
- LEIS, Héctor Ricardo. **A sociedade dos vivos**. Trabalho apresentado na Mesa Redonda "Temas e Polêmicas da Sociologia Contemporânea", IX Congresso Brasileiro de Sociologia, SBS, 31 de agosto a 2 de setembro de 1999, Porto Alegre – RS. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/soc/n9/n9a12.pdf>.
- MENEZES, Paulo Roberto Arruda de. **A pintura trágica de Edvard Munch**: um ensaio sobre a pintura e as marteladas de Nietzsche. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): 67-111, 1993 (editado em nov. 1994). Disponível em : <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v0512/Pintura.pdf>
- SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artístico. 2ªed. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=lup6-UEqWxsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- SANTOS, Franklin Santana. **Perspectivas Histórico-Culturais da Morte**. Dora Incontri & Franklin Santana Santos (Orgs.) *A Arte de Morrer - Visões Plurais*. Bragança Paulista: Editora Comenius. 2007. Pp. 13-25. Disponível em: http://www.hoje.org.br/site/arq/artigos/Perspectivas_Historico.pdf.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS



**UNESC- UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO**

NOME: DAIANE PEREIRA DA SILVA

**QUESTIONÁRIO SOBRE AS IMPRESSÕES ACERCA DA PASSAGEM
VIDA/MORTE/VIDA**

- 1 Na sua opinião existe vida após a morte? Qual sua crença?
- 2 Você acredita ter passado por uma experiência de quase morte? Por quê?
Descreva como foi essa experiência:
Quais imagens você lembra daquele momento?
A experiência vivida trouxe alguma mudança para você? Exemplifique:
Você tem medo da morte, ou que emoções relaciona à mesma?
Depois dessa experiência como você define a morte?
Qual é seu entendimento de corpo e de alma?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Estamos realizando uma pesquisa para o Trabalho de conclusão de curso.....(a)

sr(a)._____ foi plenamente esclarecido de que participando deste projeto, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como problema:

.....Embora o (a) Sr (a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o (a) Sr (a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração.

A coleta de dados será realizada por..... do curso deda UNESC e orientada pela professora Edite Volpato Fernandes.

Para sua identificação dos dados na pesquisa, gostaria que você indicasse a forma que prefere:

- Nome completo ()
- Pseudônimo ()
- Somente as iniciais do nome ()
- Outras letras ()

Criciúma (SC), março de 2014.

Assinatura do Participante

Assinatura do Acadêmico pesquisador